



A IDEIA

revista de cultura libertária

94/95/96

período anual
outono 2021
preço voluntário

O Lado Sinistro dos Trabalhadores da Saúde

Henrique Garcia Pereira

Introdução

Os dois termos do binómio copulativo 'SAÚDE e ANARQUIA', usado há uns anos – em jeito de saudação – pelos meus amigos brasileiros, têm sido submetidos durante a pandemia a um duro embate: a propagação infinita do vírus, que arruína a SAÚDE, tende também a minar a ANARQUIA, pelas severas medidas tomadas pelo Estado para o “combater”.

O estilo belicista usado pelo Estado no **combate** à pandemia é uma roupagem ideológica que apela para uma ação “imediate”, invocando a ordem, disciplina e obediência, no sentido de “unir rapidamente os esforços de todos contra o inimigo invisível”. Nesta narrativa mistificadora, os hospitais são a “linha da frente”, e os trabalhadores da saúde, os “nossos **heróis**”, ...

Mas esses **heróis** têm o seu lado sinistro (aliás como os semideuses terrenos da mitologia grega...), já que são chamados a intervir numa repressão intensa dos ‘comportamentos desviantes’ relativamente à norma que eles próprios ajudaram a definir no quadro do **capitalismo** global. Deste modo, a retórica da luta contra o vírus pode traduzir-se numa linguagem que tende a substituir o “inimigo invisível” por “inimigos visíveis”, assim designados pelo seu potencial de “contaminação”, ou seja, de veículo de **morte**. Neste contexto, os trabalhadores da saúde ficam arvorados, pelo Estado, em figuras de autoridade e proteção organizadas segundo uma rígida **hierarquia** (e ligadas a um certo ‘mistério’ transcendental implícito numa representação ameaçadora da **morte**).

Como é próprio do **capitalismo**, cada nível da **hierarquia** tende a espezinhar os níveis inferiores, numa relação senhor-escravo que me fez lembrar a que foi objeto da campanha de denúncia ativa em que participei no pós-Maio68, retomando a consigne *rendre la honte plus honteuse en la livrant au public*, e visando revelar a dominação que qualquer *p'tit chef* exercia sobre as empregadas dos grandes armazéns (como o Lafayette) ou dos centros comerciais (como o Odéon).

Por outro lado, fazendo um paralelo com o sistema de castas indiano, posso dizer que as camadas “superiores” dos trabalhadores da saúde – **médicos e enfermeiros** – distribuem entre si os papéis de sacerdote, comerciante e guerreiro (os dois primeiros, quase sobrepostos desde sempre, o último, criado recentemente pela retórica do Estado). Abaixo dos sudras – designados eufemisticamente por “assistentes operacionais” – encontram-se os párias, isto é, os “utentes” (conceito que – em tempo de pandemia – engloba quase toda a população).

Quanto aos **médicos e enfermeiros**, arrisco-me a afirmar – sob pena de graves represálias – que essas castas abusam do poder que lhes é conferido pelo bastão de Esculápio. E, protegidas pelos “bastonários”, reduzem a pó os **párias** que lhes caem na alçada, infantilizando-os ferozmente (e escondendo os seus desígnios titubeantes sob a capa da “competência” de quem aparenta que sabe o que é bom para qualquer “outro”). Quanto aos assistentes operacionais, cabe-lhes efetuar todas as tarefas rejeitadas pelas castas nobres, com base numa espécie de “servidão voluntária” *à la* Etienne de La Boétie, em que não há lugar para qualquer revolta, mas sim para a humilhação dos **párias** (segundo o modelo dos seus superiores, mas mais difuso).

Na verdade, o poder do Estado, exercido *manu militari* sobre todas as camadas dos trabalhadores da saúde leva a que estes, sobre-explorados em desmedidos horários de trabalho, sejam impelidos a **humilhar** os “seus” doentes, descarregando sobre eles a coação a que estão submetidos. E essa **humilhação**, combinada com o fantasma da **morte**, tende a induzir a submissão por parte dos **párias**, obstaculizando a explosão da revolta das ‘gentes’ em tempo de pandemia. Para ilustrar algumas das reflexões anteriormente emitidas, proponho-me relatar uma experiência pessoal, ocorrida durante jan./fev. de 2021.

Autoficção

Na manhã de 29-01-2021, “dei entrada” no hospital CUF Descobertas para o tratamento cirúrgico, por artroplastia, de uma coxartrose que me andava a importunar há quase uma década.

Para os procedimentos de “admissão”, dirigi-me ao “Balcão Central” e aproximei-me – sob o óbvio constrangimento da distância social – de uma funcionária que – antes de qualquer gesto da minha parte – vociferou ferozmente: “NÃO SABE QUE TEM DE TIRAR A SENHA?” Intimidado pela forma negativa-interrogativa desta interpelação, pedi que ela me encaminhasse para a mirífica SENHA, sem conseguir com isso outra resposta senão a convocação de uma **c’lega** (como ela disse) para me amparar até à máquina cuspidora de SENHAS.

A partir deste primeiro confronto, verifiquei que a designação de **c’lega** se referia a um corpo anódino – mas feminino – invocado incessantemente para desempenhar um qualquer serviço solicitado a alguém por um qualquer “utente”. Assim, por dupla sinédoque – uma de género, outra de atitude –, as **c’legas** passam a designar os trabalhadores da saúde que julgam poder superar o *burnout* (e sublimar a exploração do Estado) através de uma mesquinha ‘manobra de diversão’ exercida sobre os “utentes”.

Depois de ultrapassados os severos procedimentos de “admissão”, puseram-me seminu numa maca, e anestesiaram-me rudemente. Acordei na mesma maca mas num ambiente novo, onde surgiu um sujeito **façanhudo** a interrogar-me sobre coisas pessoais, debaixo de uma luz encadeadora (o que me recordou vivamente o interrogatório a que fui submetido na sede

da PIDE, em novembro de 1964). Em seguida, o meu **algoz façanhudo** mudou de tom e passou a interpelar-me através de um discurso lamechas/autoritário/infantilizante, conjugado inicialmente na terceira pessoa (por exemplo, “a perninha deste patriota está muito boa, mas se ele se mexe muito, mando-o outra vez para o bloco operatório”), que passou depois à primeira do plural (“temos de nos restabelecer depressa, já vamos passar para o nosso quartinho para aliviar as dores no tu-tu”).

Quando comecei a olhar em volta (depois das c’legas afastarem – de tempos a tempos – as cortinas de plástico azul que definiam o meu **espaço** de “confinamento” na **sala de recobro**), veio-me ao espírito outra analogia com a minha longínqua experiência prisional, desta vez no Aljube. O meu **espaço** na CUF correspondia ao ‘curro’ de 2x1.5 m onde estive encerrado durante 18 dias, sem possibilidade de usufruto de quaisquer “objetos pessoais” (a *printed matter*, o caderninho e esferográfica eram os que mais falta me faziam).

Por outro lado, fui-me apercebendo de que o poder abstrato dos [Mellos + Chineses] era corporizado localmente pelo meu **algoz**, no seu papel de misógino e arrogante caudilho que comandava o exército de c’legas que deambulavam pela **sala de recobro** abraçando estranhas “pranchetas” com inscrições hieroglíficas. Ao fim da tarde, pareceu-me ouvi-lo invetivar asperamente (“PENSAM QUE SOU MAQUEIRO?”) as c’legas que me tinham deixado abandonado a jazer no epicentro da **sala de recobro**, para se camuflarem junto às paredes, em misteriosos movimentos de uma coreografia centrífuga.

E logo as c’legas fizeram repercutir sobre mim a violência a que eram sujeitas, expondo-me a uma bateria de **perguntas** insidiosas, mais uma vez na forma negativa-interrogativa (como por exemplo, “NÃO TEM DE USAR FRALDAS? NÃO TEM PIJAMA PARA VESTIR?” NÃO TEM DE TIRAR A PRÓTESE PARA DORMIR?). Por estas **perguntas** e outros sinais de agitação, percebi – sem qualquer “ajuda” das impenetráveis c’legas (que falavam ao telemóvel sem me ligar nenhuma) – que estava prestes a ser conduzido ao meu **quarto**. Depois de atribulado (e demorado) trajeto em que quase chocámos com outros veículos em trânsito, as c’legas abandonaram-me à minha sorte à porta do **quarto**, resmungando que as c’legas (outras, interpretei eu) “já vinham fazer a “transferência para o quarto” (o que implicava uma certa especialização que era difícil de descortinar para um observador externo como eu, mas que dependia afinal de uma vagarosa “mudança de turno”). Nessa noite não dormi nada, com o meu sono constantemente interrompido pelas c’legas que vinham executar numerosas operações enigmáticas/virulentas/invasivas, ao ritmo alucinante de um verdadeiro ‘tiro de barragem’ apontado sobre mim.

No dia seguinte não me lembro de ter tomado o primeiro almoço, com a atividade desenfreada das c’legas que se apossaram definitivamente do meu corpo delapidado, no *locus horrendus* onde fiquei enclausurado.

Ao meio-dia, o desejado almocinho foi na verdade uma marcada decepção, já que as vitualhas apresentadas pelos [Mellos + Chineses] se revelaram de uma qualidade medíocre, sugerindo que – não conseguindo poupar no número de c’legas (por um qualquer contrato de trabalho que não pode ser violado em tempos de pandemia sem gravíssimo escândalo), nem querendo reduzir os gastos de marketing e de espetáculo – a **empresa** tinha decidido cortar nas despesas com os seus utentes para assegurar o mesmo nível de lucros (à maneira das **empresas** de imobiliário mais *fancy*, que mantém o show à volta dos seus *resorts* à custa de alguma economia no cimento, correspondente à alimentação dos utentes da CUF).

E logo se instalou uma certa rotina que durou quase uma semana, pondo em prática – no ‘teatro de operações’ que era o meu quarto – as linhas gerais de um período de ‘paz podre’. Nesse período, em que as c’legas visaram robotizar – para ‘memória futura’ – a minha conduta através de uma fisioterapia agressiva acoplada a uma socio-psicoterapia pretensamente apaziguadora, ocorreram algumas incursões punitivas sobre o meu ser, nomeadamente, o afluxo quotidiano de esquadrões de c’legas em ordem-unida (sem “distância social”, mas em néscia galhofa), com o objetivo de me martirizar através das mais variadas **táticas**. Em particular, uma dessas **táticas** – do **foro** da ‘guerra de nervos’ – consistia em afirmar mordazmente que “não havia o *Público* nem o *Diário de Notícias*, só o *C’rreio-da-Manhã*”; outra – do **foro** da ‘guerrilha’ – consistia em arremeter sobre mim logo que me apanhavam distraído a ler no cadeirão, obrigando-me a elevar os pés para limpar o chão por baixo (usando como arma uma terrível esfregona).

Finalmente, foi-me dada “alta”, um ato solene – eivado de um certo suspense e mistério transcendental – que só me foi anunciado no momento em que fui submetido a (outro) teste COVID-19 com ritual ampliado, e em que me deram recomendações precisas sobre a maneira de continuar a ser vítima do aparelho terapêutico/repressivo.

Conclusão

Em resultado desta **experiência hospitalar** na época desta pandemia, que foi ténue reverberação de um longínquo tempo de reclusão na época subsequente à *peste brune* (assim nomeada por Daniel Guérin), pude concluir que o sistema de saúde apresenta um padrão coercivo que replica, à maneira dos fractais de Mandelbrot, a estrutura repressiva geral do Estado, que se manifesta sob a forma de uma **ação** guerreira contra as ‘**gentes**’ (mais do que contra o **vírus**).

De facto, posso atestar que, durante esta **experiência hospitalar**, fui vítima de áspero, ofensivo e vexatório ‘tratamento’ burocrático, aplicado à generalidade dos “utentes” em enclausuramento. Esse **tratamento** é – à sua escala e atendendo às brumas que anunciam a morte – uma importante componente constitutiva da punição das **gentes** por parte do Estado, exacerbada

O que importa é imitar os Índios,
que se escapam sós para a floresta mal chegam aos 60 anos.
TOLSTOI, 1897

pela pandemia e inserida no esquema genérico de repressão dos comportamentos sociais e individuais desviantes/anómalos.

Posso ainda conjecturar que o discurso humilhante usado pelos trabalhadores da saúde na sua relação comigo (e outros “utentes”) é uma peça crucial da ideologia belicista que o Estado desenvolveu durante a pandemia, disfarçando-a sob a capa da “luta” contra a ameaça pandémica.

Para contrariar essa estratégia do Estado posso concluir – na esteira de Montaigne – que é necessário “rir da febre” (agora do vírus), num espírito lúdico que se opõe com firmeza (racional) a toda a atitude agonística.

Nos antípodas da ideologia que – pela estratégia bioterrorista do Estado denunciado por Foucault – promove a guerra contra o vírus como forma de normalizar as ‘gentes’, posso delinear algumas ações subjacentes a uma **atitude** plural que leve ao lançamento de **modelos** auto organizativos horizontais capazes de enfrentar a pandemia. Tais **modelos** baseiam-se, em primeiro lugar, na monitorização ativa e denúncia objetiva das **atitudes** conducentes ao reforço de discursos nacionalistas/autoritários/patriarcais, como por exemplo, ladainhas sobre a “necessidade de **proteger** os nossos” do vírus (e de outros “comportamentos externos”, em que a ‘proteção’ é feita de forma violenta).

Em jeito de corolário das **ações** e **modelos** aqui sugeridos, pode conceber-se um método baseado na ajuda mútua e solidariedade, com o objetivo de desenvolver – em estreita ligação óbvia com os trabalhadores da **saúde** – uma **convivência saudável** com este (e outros) vírus. Esta **convivência** está ligada ao repúdio da dominação selvagem sobre a natureza, da qual todos os vírus fazem parte, em particular, o SARS-COV-2, cuja explosão pandémica pode ser vista como um certo reflexo *fuzzy* (como diria Zadeh) dos ecocídios praticados pelo capitalismo global.



Desenho da Mão Esquerda, Délio Vargas 2021